VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

"O TRAJE É SUA SEGUNDA PELE": A VESTIMENTA COMO SÍMBOLO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS NOVAS CONVERTIDAS DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS, MILHÃ-CE (1990-2011)

Rok Sônia Naiária de Oliveira*

O presente artigo parte de uma pesquisa maior que estamos iniciando no mestrado acadêmico em história (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará, intitulada "O Militar de Cristo Todo Mundo Conhece Pelo Uniforme": Identidade e Representação na Indumentária **da Neo-convertida Assembleiana, Milhã-CE** (1990-2011). Muito do conhecimento apresentado nas colocações posteriores são reflexos de um trabalho que desenvolvemos na Assembleia de Deus Templo Central desde o período de graduação e produção do trabalho monográfico.

Nosso estudo se realiza na cidade de Milhã, localizada no Sertão Central cearense, uma cidade de fortes características rurais que conta com aproximadamente 13.078 mil habitantes[1]. Tendo origens tradicionalmente católicas, a partir da década

---

* Aluna do Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, com a pesquisa intitulada "O Militar de Cristo Todo Mundo Conhece Pelo Uniforme": Identidade e Representação na Indumentária **da Neo-convertida Assembleiana, Milhã-CE** (1990-2011). Bolsista FUNCAP-Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

[1] Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) censo de 2010. Disponível em www.ibge.gov.br.

ISBN: 978-85-98711-10-2

1960 ouviu-se falar nas primeiras mobilizações protestantes através da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de caráter pentecostal[2], que sendo a primeira a se instalar no município é tida ainda hoje como uma das mais tradicionais da cidade, principalmente no que se refere à aparência de suas mulheres, que sofrem uma série de restrições indumentárias. Para a denominação, o trajar feminino identifica quem segue ou não os ensinamentos bíblicos e as doutrinas da Igreja, assim, as mulheres devem sempre estar vestidas com saias, na altura do joelho, blusas e vestidos com mangas e sem decotes, e o uso de maquiagens e tinturas no cabelo deve ser muito comedido. Diante disso, ressaltamos ainda que a referida Igreja possui aproximadamente 210 fiéis, entre membros e congregados[3], onde de acordo com as observações de campo e as atas da Igreja, há mais fiéis do sexo feminino.

Portanto refletiremos nas próximas páginas como a indumentária se constitui numa fonte carregada de significados e identidades[4] para as mulheres assembleianas, que expressa características individuais de quem as veste, mas que também evidencia aspectos do grupo ao qual se pertence.

A pesquisa se direciona as memórias dessas mulheres a respeito do período de conversão, assim através da oralidade percebemos como a mudança de aparência depois

---

[2] O Pentecostalismo é uma corrente religiosa que surgiu dentro do Protestantismo, e tem pontos comuns tanto com o catolicismo como com o protestantismo histórico. Tem como fundamento principal a Bíblia, o batismo nas águas e a crença na atuação do Espírito Santo. Os fieis dessa corrente acreditam na força da oração individual e durante o momento oracional falam em línguas estranhas (glossolalia), que é uma forma de demonstrar a presença do Espírito Santo entre eles. Os pentecostais foram os primeiros a levar a bíblia as camadas empobrecidas da sociedade. Tem ainda como forte característica o proselitismo que é a "conquista de novos fieis mediante o qual se passa de uma religião para o protestantismo". As primeiras Igrejas pentecostais existentes no Brasil foram: Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Cruzada da Evangelização ou Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Nova vida, Deus é amor. In: ROLIM, Francisco Cartaxo. O que é Pentecostalismo. Coleção primeiros passos, 188. São Paulo: Brasiliense.

[3] Utilizam o termo "Membros" para designar aqueles que "vão aos cultos e seguem as normas de sua Igreja, chamados também de membros comungantes(os que comungam com as normas e ensinamentos da Igreja a que pertencem) p.42. In: ROLIM, Francisco Cartaxo. O que é Pentecostalismo. Coleção primeiros passos, 188. São Paulo: Brasiliense. Acreditamos ainda que os "Congregados" são os que apenas frequentam a igreja sem mantém um compromisso maior com a instituição.

[4] Adotamos o conceito de Identidade enquanto "Representação social" proposto por Pesavento (2008), onde concordamos que "a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e se estabelece à diferença (...) é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou, ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro" (p. 89-90).

ISBN: 978-85-98711-10-2

da conversão significa a tentativa de assumir uma nova identidade, ser bem aceita pelos demais membros do grupo, e assim ser identificada visivelmente como uma nova fiel da Igreja Assembleia de Deus Templo Central.

O TRAJE E A MORAL RELIGIOSA

O conhecimento histórico sobre a mulher tem se deparado há muito tempo com questões relacionadas às suas representações[5] culturais na sociedade. Sendo que, um dos assuntos mais debatidos pelos estudiosos no assunto é sua imagem, que está diretamente ligada ao corpo e sua forma de trajar. A figura feminina e sua vestimenta, frequentemente, estão atreladas a conceitos de beleza, moral, e elegância, onde a indumentária é parte importante de sua identificação. Assim sendo, a relação da mulher com as formas de vestir traz uma forte significância em sua convivência social, e também é marca indelével em suas memórias. Considerando esse caractere histórico-cultural feminino, Perrot (2005) afirma que:

> A memória das mulheres é trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar. A importância das aparências faz com que as mulheres sejam mais atentas ao léxico. O máximo que elas podem se permitir é o rosto do outro. Pelos olhos elas pensam atingir a alma. É por isso que elas se recordam de suas cores, às quais os homens são normalmente indiferentes (s/p).

A autora vem evidenciar que a ligação da mulher com a vestimenta é algo que está para além do ato de trajar, sendo, portanto carregado de significados, presentes em suas memórias e na construção de sua identidade, sendo ainda um veículo de comunicação das mulheres, onde suas individualidades podem se manifestarem externamente através da aparência, ou seja, da forma como estão vestidas.

Entretanto, a indumentária feminina é alvo de polêmicas e divergências, especialmente no âmbito da religião. No caso da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã, as mudanças nas formas de trajar feminina, tem causado calorosos

---

[5] Concorda-se com o conceito defendido por Pesavento (2008), ao evidenciar que as representações são "construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade" (p. 39).

ISBN: 978-85-98711-10-2

debates em torno da moralidade. A contradição entre o que o mercado da moda[6] e os dogmas morais-religiosos pregam para a indumentária tem causado uma série de embates, posto que, parte do que as novas modas trazem, rompem com conceitos tradicionais do que deveria ser a vestimenta feminina ideal de acordo com os parâmetros das instituições religiosas cristãs, indo contra o que Geertz (2008) vem chamar de *ethos* do grupo, ou seja, "os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos"[7] (p.93) .

A mulher assembleiana, mesmo tendo como principal espaço de sociabilidade a Igreja, não está livre das pressões de uma sociedade que tem como parâmetros a beleza, a elegância e a sensualidade, onde segundo as considerações de Lipovetsky (2009) as inovações e variedades do mercado da moda feminina têm sempre maior ênfase. Deste modo, o autor vem falar ainda que as roupas ou acessórios lançados para a mulher têm por principal finalidade seduzir, valorizar o corpo, e tornar a aparência mais jovem, sendo que a cada dia a desnudação dos trajes se torna algo mais evidente. A lógica da moda é expor os atributos do corpo belo, dar visibilidade a seu usuário e liberdade para reinventar sua aparência quantas vezes quiser, e uma das maneiras de evidenciar isso é através da vestimenta, ainda que esta seja inaudível.

Todavia, essa lógica do desnudamento e da valorização dos atributos sensuais e sexuais do corpo, que é pregado pelo mercado da moda, é o oposto do que a moral cristã recomenda. As instituições religiosas são, portanto, os principais agentes de questionamento e interferência no que se refere ao comportamento e ao trajar feminino, tentando construir a seu modo a imagem de mulher ideal, enfatizando a distinção entre os sexos e defendendo a legalidade desta censura feminina fundamentada nos textos bíblicos.

---

[6] Para compreendermos a utilização do termo moda no decorrer da temática, temos como referência Calanca (2008) ao enfatizar que "o conceito de moda não se refere apenas aos "ornamentos e roupas que combinam entre si" (p.14), mas a todas as formas de expressão e transformação do homem ao longo do tempo. A "moda" é discutida em todo o texto pois é a partir dela e das mudanças que ela trouxe, tanto para o mercado, quanto para as mentalidades, que podemos analisar as formas de vestir das assembleianas, já que mesmo em meio as fortes doutrinas de sua religião, estas mulheres também são guiadas pela lógica da moda, mesmo que isso se dê de forma inconsciente.

[7] "O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete". (GEERTZ, 2008, p.93)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Nesse sentido Lipovetsky (2009) vem traçar um contraponto entre a lógica da moda e das ideologias religiosas e políticas, segundo ele "as 'religiões seculares' suscitaram paixões absolutas, uma submissão sem falha à linha justa, um engajamento total das pessoas fazendo dom de sua vida e de sua individualidade subjetiva". Desta feita as religiões almejam através de seus dogmas o controle das individualidades, objetivando o comprometimento total dos fiéis com as doutrinas pregadas e com a dedicação abnegada ao trabalho em seu favor. Ainda sobre isso o autor faz a ressalva de que:

> Enquanto o reino heroico das ideologias exige abnegação, ou até a absorção das individualidades, o da moda repousa na exigência da felicidade imediata das pessoas; enquanto a ideologia gera ortodoxia e escolástica, a moda é acompanhada por pequenas variações individuais e por investimento flutuante; enquanto a ideologia é maniqueísta, separa os bons dos maus, cliva o social, exacerba os conflitos, a moda é pacificação e neutralização de antagonismos (p.280).

Portanto, de acordo com as ideias do autor, enquanto a ideologia religiosa tenta conter os desejos, manter as tradições, e traçar a diferença entre bons e maus, a moda busca libertar, inovar, quebrar com tradicionalismos através do culto da novidade e do individualismo, e além de tudo mostrar que ser diferente e inusitado é algo positivo.

Contudo, sob influência dos dogmas religiosos, as mulheres assembleianas passam a recriminar suas próprias vontades. Em relação a isso, Perrot (2005) enfatiza que "Os vínculos entre mulheres e religião são antigos, poderosos, ambivalentes. Sujeição e Liberação, opressão e poder estão ali imbricados de maneira quase insolúvel" (p.271). Percebe-se isso através da fala da fiel Emília, uma das primeiras mulheres a ingressar na Assembleia de Deus de Milhã. Relatando sobre o período de sua conversão ela afirma que a mudança em suas vestimentas se deu quando ela deixou de lado as vaidades.

> Eu era muito vaidosa. Gostava de uma roupinha não da muito curta, mas também num era muito comprida não né. Aí já fui mudando também, aquelas roupas que eu gostava, já fui deixando de usar. E ajeitando (....) tem pastor que bate muito na tecla dessa vaidade de hoje né.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Assim, o fato de se tornar uma mulher crente, traz consigo uma série de renúncias, onde as fiéis são incitadas a deixar de lado suas vaidades em nome de uma moralidade que lhes é imposta tendo por princípios uma verdade bíblica indiscutível, tornando-se portanto, reprodutores de um discurso que legitima a repressão ao abominável "vício da vaidade", falha irrefutável da "sociedade moderna".

Segundo Crane (2006), "Em geral à medida que as redes sociais do individuo se expandem, ou que seus contatos se tornam mais variados, ele é exposto a novas formas de cultura e torna-se propenso a adotá-las" (p.33). De tal modo, para nossos entrevistados quando a mulher passa a conviver na Igreja, com os membros da instituição, e através dos próprios estudos realizados em grupo ou individualmente, a mudança na maneira de vestir vai acontecendo gradativamente, é o que vem afirmar ainda Elisson Moura:

> Então a mulher quando ela consegue crer[...] em Jesus Cristo, ela começa a examinar. Então isso é um processo, um dia ela tira uma coisa, um dia ela vai vendo que aquilo é uma coisa supérflua, que num tem muito valor, e ai ela própria é quem vai, a palavra é quem vai fazendo com que ela realmente seja inserida agora nesse contexto bíblico[...]Se era uma pessoa que era muito extravagante, voltada a pornografia, a palavrão isso vai gradativamente saindo e Jesus Cristo vai preenchendo tudo isso na vida da pessoa[...]nos temos visto isso nos dias atuais, algumas mulheres que gostavam muito de ser vaidosas, e isso não só na parte da indumentária, na parte física, mas mudou completamente.

Portanto, quando ocorre a conversão, ou um contato mais intenso com a ideologia da Igreja, a mulher passa a evidenciar isso através de sua maneira de trajar. Isso advém de uma necessidade de expor externamente as mudanças que estão ocorrendo em sua mentalidade, através da adoção de novas ideologias e práticas religiosas. Nesse sentido Aguieiros (1999) vem falar que:

> (...)Não basta a cada um de nós acreditar que somos isto ou aquilo, que somos melhores ou mais bonitos do que aparentamos ser. É preciso mobilizar um equipamento de identificação, do qual a roupa é fundamental, para apresentar teatralmente para os outros (e para nós mesmos) o que imaginamos ser. É nesse imaginário do ser que se funda o viver (p.132).

Destaca-se ainda o posicionamento de Crane (2006), ao ressaltar que "as roupas, como artefatos "criam" comportamentos por sua capacidade de impor

ISBN: 978-85-98711-10-2

identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes" (p.22). Deste modo, as mulheres "crentes" almejam mostrar para a sociedade as mudanças que estão ocorrendo em sua vida, e principalmente, o grupo a qual pertencem, sendo que uma das principais maneiras de evidenciar isso é através da indumentária, que possibilita a junção de características pessoais e sociais do individuo. Ainda, segundo a autora, a vestimenta é carregada de identidades, e o indivíduo pode se desfazer de uma "identidade prévia e estabelecer outras novas"(p.28) a partir do momento que muda seus trajes.

"O PESSOAL DIZ QUE ROUPA NÃO É DOCUMENTO, MAS O FRASCO É DOCUMENTO"[8]

Roupas são artefatos carregados de inúmeros significados, através delas podemos identificar um indivíduo e o grupo ao qual ele pertence, enfim o contexto ao qual está inserido. Sendo que, é através das distintas realidades, temporalidades, e culturas que as roupas vão adquirindo sua significância, refletindo tanto nossas escolhas pessoais como coletivas. De acordo com Freyre (1987), no que se refere à vestimenta, ocorre "uma imposição do geral sobre o particular ou o individual" (p.18). Assim, quando nos vestimos de determinada maneira não atribuímos a isto apenas gostos individuais, somos levados por nossas ideologias, influências, e pelas normas que regem nossa sociedade.

Segundo Calanca (2008), são as normas ou regras, vindas de diferentes discursos e costumes, que atribuem a cada maneira de trajar sua própria importância. Partindo desse pressuposto, a autora afirma que:

> Por meio da veste coloca-se em jogo uma certa significação do corpo, da pessoa. Ela torna o corpo significante "A roupa diz respeito à pessoa inteira, a todo o corpo, a todas as relações do homem com seu corpo, assim como as relações do corpo com a sociedade". O ato de vestir "transforma" o corpo, e essa transformação não se refere a um

[8] Trecho retirado da entrevista com o Pastor Francisco Gomes Pereira- 64 anos. Durante toda a entrevista ele demonstra ter consciência de que as roupas não servem apenas para vestir, mas que carregam inúmeros significados, tanto que constrói todo o discurso em torno da moralidade da roupa de uma mulher "crente". Além do exemplo do frasco de perfume, para demonstrar que a maneira como nos vestimos diz muito sobre quem somos, ele cita uma serie de outros exemplos, tanto de seu cotidiano como faz uso de trechos Bíblicos.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> único significado biológico, fisiológico, mas a múltiplos significados, que vão daquele religioso, estético, aquele psicológico (p.16).

Nesse sentido, podemos afirmar que a maneira de trajar esta carregada de identidades, assim ao falarmos da vestimenta da mulher evangélica estamos tratando não apenas da mulher de forma isolada, e sim de seu grupo, de sua instituição religiosa, e da sociedade que a rodeia.

Cada grupo ou pessoa é constituído de uma identidade própria e o que, muitas vezes, não significa muito para uns, pode ter grande relevância para os outros, essas diferenças são caracterizadas, conforme Crane (2006), através dos "códigos de vestuário" (p.28), e pode-se exemplificar isso por meio dos trajes das mulheres tipicamente assembleianas. Segundo Elisson Moura:

> Nossas mulheres, elas são características, a características delas, de uma mulher do ministério Assembleia de Deus é essa, o cabelo é crescido e as vestimentas são diferenciadas, da da das mulheres da sociedade como um todo, elas procuram realmente se diferenciar desse tipo, para servir a deus com modéstia e com pudor.

Assim os membros da Assembleia de Deus, reafirmam a necessidade de se mostrar diferente dos demais membros da sociedade, principalmente, no que se refere à vestimenta feminina, que é tomada como modelo pelos membros da Igreja, seus "cabelos crescidos" e suas "vestimentas diferenciadas" fazem parte da sua identidade enquanto mulher assembleiana.

Portanto, não basta fazer uso de saias, elas devem cobrir o joelho. Já os vestidos, por sua vez, além de longos, não devem evidenciar decotes, trazendo a marca da elegância, que no discurso moralizante da Igreja não pode ser dissociada da descendência, assim só é elegante quem é descente. É importante observar, que o termo ideal é sempre "elegância". Não se fala de beleza, nem sensualidade, que sugerem ligação com o mundano e o sensual. Assim, o ideal a ser perseguido é o da elegância, que traz implícito a ocultação do corpo, das formas e da sensualidade feminina, elegância se torna sinônimo de austeridade e também de decência. Tendo ainda a utilização das mangas, longas ou curtas, como uma típica característica do grupo.

Freyre (1987) salienta que dentro dos "modos de homens e modas de mulheres" ocorre sempre uma "pressão, sobre esses gostos pessoais, de um consenso

ISBN: 978-85-98711-10-2

coletivo", ou seja, as vontades pessoais se confundem com as de seu grupo. O que leva a uma padronização dos trajes, códigos e posturas que devem ser seguidos e difundidos naquele meio.

Destarte, mesmo diante de suas especificidades, de seus gostos pessoais, a evangélica da Assembleia de Deus de Milhã deve ser reconhecida *a priori*, por sua roupa. Do mesmo modo que o militar tem o uniforme como um distintivo, que por si traduz um pouco de sua vida, o grupo ao qual pertence. A roupa da mulher evangélica a distingue das demais e a caracteriza como uma mulher cristã, seguidora da virtuosidade, da vida de decoro e honra pregada pela Igreja, onde o objetivo é usar roupas que agradem a Deus, conforme afirma a seguir a fiel Emília[9]:

> Como a bíblia diz que tem que se usar roupas decentes, pra nois agradecer a Deus, tem que usar roupas mais decentes. Como a gente aceitou Jesus, tem que haver mudança né. Se num houver mudança, então...

Segundo a Igreja, as mulheres devem sempre andar "bem vestidas", ou seja, com o corpo bem coberto para evitar exposição e olhares maliciosos na tentativa de prezar sua honra. Devendo-se ainda, levar em conta que essa tentativa de defesa da moral tenta justificar o controle social existente para com essas mulheres, baseados na ideia de que a boa conduta moral está ligada a uma censura do corpo, com a utilização de vestes decentes. Perrot (2007) lembra, que dentro desse ambiente que visa disciplinar o corpo feminino, "Uma mulher que se mostra se desonra*"* (p.128). Nesse sentido, a mulher que se mostra desonra o grupo a qual pertence, já que o corpo feminino exposto é tentação para os "irmãos", fazendo a carne falar mais alto e despertando instintos e desejos que vão contra toda a pregação de moralidade e decência feita pela Igreja. Assim, a figura feminina que se expõe, pode ser relacionada à imagem de Eva, levando o homem a perdição, tirando dele o paraíso, que é o que os fiéis assembleianos almejam. Portanto, manter as mulheres cobertas também é uma forma de manter a sexualidade masculina mais adormecida, e com isso, estabelecer um controle mais eficaz do sexo

[9] Entrevista realizada com Maria Emília de Sousa- 61 anos, em 11/07/2010. Fiel da Assembleia de Deus de Milhã desde os 18 anos de idade, mesmo período em que casou e converteu-se com toda a família, sendo hoje uma das mulheres da assembleia que mais preza pelo tradicionalismo e pela conduta dos bons costumes, principalmente com relação a mulheres e suas vestimentas.

ISBN: 978-85-98711-10-2

impuro na Igreja. Já que para eles, que buscam seguir atentamente as escrituras, o sexo é algo inapropriado antes do casamento.

Baseando-se especialmente, em passagens do velho testamento, que apontam regras comportamentais rígidas, bem como em passagens mais conservadoras do novo testamento, como é o caso dos evangelhos segundo o apóstolo Paulo, a imagem de mulher ideal vai sendo construída nos discursos, pregações e recomendações de comportamento às fiéis frequentadoras, fazendo uma leitura, muitas vezes, fundamentalista que absolutisa a censura à mulher, mas que relativiza a censura aos homens.

Nesse sentido, a ideia de dignidade e virtuosidade de uma mulher está diretamente ligada à indumentária, sua imagem é algo idealizado pela comunidade religiosa, seu corpo é tido como um objeto de censura, onde ela deve se vestir sempre de acordo com as normas e padrões do grupo ao qual pertence. Estando, constantemente, cercada de olhares e de alusões a sua maneira de vestir.

> Então, a nossa roupa ela tem muito haver. [...] o pessoal diz que roupa não é documento, mas o frasco é documento. O frasco é documento, [...] chega um frasquinho de perfume, você olha ali, ai você vê escrito ali 5 reais, vixe é ruim. 50 reais, opa melhorzim, 100 reais, 200 reais, 300 reais, 400 reais, perfume francês, ai tem o preço. O frasco identifica o que é que tem dentro. A mesma coisa da pessoa, você identifica quem você é.

Portanto, percebe-se no trecho acima que não se trata apenas de agir diferente, ser uma mulher "crente" da Assembleia de Deus significa se vestir de maneira distinta, pois "o frasco identifica o que é que tem dentro". É a partir da forma como se veste que se mede a "índole" da pessoa. "O frasco é documento", que atesta no que se refere à mulher, sua decência, moralidade e valores cristãos. A maneira de trajar é para o pastor, o primeiro depoimento, a contexto do julgamento de um indivíduo na sociedade. Segundo o pastor, no primeiro momento, no primeiro olhar podemos não conhecer o conteúdo, o interior de uma pessoa e suas ideologias, mas inevitavelmente julgamos a partir do "frasco", ou seja, da aparência traduzida na maneira de trajar.

O Pastor Francisco Gomes, por muitas vezes, ressalta a necessidade dos evangélicos se diferenciarem dos demais, de ser um grupo que assume posturas corretas. A mulher trava assim, uma luta com seu tempo, com seus desejos pessoais, com seu

ISBN: 978-85-98711-10-2

corpo. Este precisa ser disciplinado, e estando na Igreja, seguindo as orientações bíblicas e doutrinárias estará livre dos pecados da carne, ela deve aprender a controlar suas vontades.

Acreditamos portanto, como afirma Crane (2006), que "As variações na escolha do vestuário constituem indicadores sutis de como são vivenciados os diferentes tipos de sociedade, assim como as diferentes posições dentro de uma mesma sociedade" (p.22). Onde ressalta-se que além da vestimenta possibilitar a distinção entre quem é ou não evangélico da Assembleia de Deus, através das roupas, a própria Igreja julga quem está ou não seguindo devidamente a doutrina e respeitando os costumes.

Assim para as novas convertidas sentir-se membro integrante da denominação, participar das atividades da Igreja, assumir funções representativas do grupo, tudo isso significa assumir uma nova aparência. Uniformizando-se dentro da Igreja essas mulheres buscam ser aceitas e identificadas como novas fiéis assembleianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIEIROS, Gabriela Hasimoto. O Traje e o decoro. In: **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**. Org: MARTINS, José de Souza. São Paulo: Hucitec, 1999.

ALVES, Rubem. **O que é Religião.** 2a. Ed. São Paulo: brasiliense, 1981. Coleção Primeiros passos.

AUBRÉÉ, Marion. **A visão da Mulher no Imaginário Pentecostal**. Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência. n° 09. Niterói, PP.119-131. 2.sem.2000.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas.** Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Modos de Homem & Modas de Mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GEERTZ, Clifford. A Religião como sistema cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

ISBN: 978-85-98711-10-2

GOLDENBERG, Mirian. **O Corpo como Capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2.ed., São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

LIPOVETSKY. Gilles. **O império do efêmero: a moda e se destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MACHADO, Maria Das Dores Campos. **Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais**. Estudos Femininos, Florianópolis, 13(2): PP.387-396,maio-agosto/2006

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". In: Projeto História n° 14, São Paulo: PUC, Fev. 1997.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é Pentecostalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos.